

CRISTIANISMO
e **liberalismo**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machen, John Gresham

Cristianismo e liberalismo / John Gresham Machen ;
tradução Caio Cesar Dias Peres. -- São Paulo :
Shedd Publicações, 2012.

Título original: Christianity and liberalism.

ISBN 978-85-8038-018-7

1. Liberalismo (Religião) I. Título.

12-10828

CDD: 230.044

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e liberalismo : Teologia 230.044

CRISTIANISMO ^e liberalismo

TRADUÇÃO

Caio Cesar Dias Peres

J. Gresham Machen


SHEDD
PUBLICAÇÕES

Copyright © SHEDD PUBLICAÇÕES
Título do original em inglês: *Christianity and liberalism*
Publicado pela Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1923,
2140 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, Michigan, USA.

1ª Edição - Setembro de 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES
Rua São Nazário, 30, Sto Amaro
São Paulo-SP - 04741-150

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-8038-018-7

TRADUÇÃO: Caio Cesar Dias Peres
REVISÃO: Vivian do Amaral Nunes
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Edmilson Frazão Bizerra

Sumário

Prefácio	7
CAPÍTULO I	
Introdução	9
CAPÍTULO II	
Doutrina	21
CAPÍTULO III	
Deus e o homem	51
CAPÍTULO IV	
A Bíblia	63
CAPÍTULO V	
Cristo	71
CAPÍTULO VI	
Salvação	101
CAPÍTULO VII	
A igreja	133

Prefácio

Em 3 de Novembro de 1921, o autor da presente obra apresentou um trabalho para os anciãos da Association of Chester Presbytery [Associação do Presbitério de Chester], que foi publicado na *Princeton Theological Review* [Resenha teológica de Princeton], vol. xx, 1922, p. 93-117, sob o título “Liberalismo ou Cristianismo”. O interesse com o qual o trabalho publicado foi recebido encorajou o autor a empreender uma apresentação mais extensa do mesmo assunto. Por cortesia da *Princeton Theological Review*, fez-se livre uso do material do trabalho anterior, que pode ser considerado o núcleo da presente obra. Um grato reconhecimento também é devido ao editor do *The Presbyterian* [O presbiteriano], pela permissão do uso de vários artigos publicados nesse jornal. As principais divisões do assunto foram, originalmente, sugeridas ao autor em uma conversa que teve, em 1921, com o Rev. Paul Martin, de Princeton, que não foi consultado sobre o método de tratamento.

Introdução

O objetivo deste livro não é o de decidir a questão teológica dos dias atuais, mas, tão somente, apresentar a questão da maneira mais vívida e clara possível, para que o leitor possa ser auxiliado a decidir por si mesmo. Apresentar uma questão de maneira clara, certamente, não é uma tarefa popular nos dias atuais; existem muitos que preferem travar suas batalhas intelectuais em uma “condição de baixa visibilidade”, como chamou apropriadamente o Dr. Francis L. Patton.¹ A definição clara de termos no âmbito religioso, enfrentando corajosamente as implicações de cada perspectiva, é vista por muitas pessoas como um procedimento ímpio. Será que isso não desencorajará contribuições para a junta de missões? Será que isso não diminuirá o progresso de consolidação, e produzirá uma pobre demonstração nas planilhas de estatísticas da igreja? Não podemos concordar com essas pessoas. A luz pode parecer uma intrusa impertinente de vez em quando, mas no fim é benéfica. O tipo de religião que se alegra ao som piedoso de frases tradicionais, apesar de seus sentidos, ou que se esconde de questões controversas, jamais se manterá em meio aos conflitos da vida. Na esfera da religião, como em outras esferas, as coisas com as quais os homens concordam são, possivelmente, aquelas que menos valem acreditar; as coisas realmente importantes são aquelas pelas quais os homens lutarão.

O tempo presente é um momento de conflito na área religiosa; a grande religião da redenção, que sempre foi conhecida como o Cristianismo, está batalhando contra um tipo de crença religiosa totalmente diferente, que se torna ainda mais destrutiva da fé cristã por

¹ Francis L. Patton na introdução do livro de William Hallock Johnson: *The Christian Faith Under Modern Searchlights* [1916], p. 7.

utilizar a terminologia cristã tradicional. Essa religião moderna não redentora é chamada de “modernismo” ou “Liberalismo”. Ambas as designações são insatisfatórias; a segunda, especialmente, possui um aspecto de argumento circular. O movimento chamado de “Liberalismo” é considerado “liberal” somente pelos seus simpatizantes; no entanto, para seus oponentes, parece ignorar muitos fatos relevantes. Na verdade, o movimento é tão variado em suas manifestações que alguém pode se desesperar ao tentar achar um nome único que se aplique a todas as suas formas. Porém, ainda que o movimento se mostre multifacetado, a raiz do movimento é única; as muitas variedades da religião liberal moderna estão enraizadas no naturalismo, ou seja, na negação de qualquer intervenção do poder criativo de Deus (distinto do curso normal da natureza) em conexão com a origem do Cristianismo. A palavra “naturalismo” é usada aqui de uma maneira diferente de seu sentido filosófico. Nesse sentido não filosófico, ela descreve com precisão a raiz verdadeira daquilo que designa, religião “liberal”, ainda que possa se tornar uma degradação de uma palavra originalmente nobre.

O surgimento desse Liberalismo naturalista moderno não foi por acaso, mas ocasionado por mudanças importantes nas condições de vida que aconteceram recentemente. O início do século XIX viu o começo de uma nova era na história da humanidade, que pode ser lamentada, mas não ignorada nem mesmo pelo conservadorismo mais obstinado. Essa mudança não é algo que está abaixo da superfície, podendo ser vista somente por olhos mais atentos; pelo contrário, ela se mostra às pessoas mais comuns em diversas áreas. Em várias questões, as invenções modernas, e o industrialismo que se tem construído sobre elas, nos têm dado um novo mundo para viver. Não é mais possível nos descolarmos do mundo, assim como não podemos escapar da própria atmosfera na qual respiramos.

As mudanças nas condições materiais do mundo não vieram sozinhas, mas foram produzidas por fortes mudanças na mente humana. Por sua vez, as mudanças materiais não permanecem sozinhas, elas também provocam mudanças espirituais. O mundo industrial atual não foi produzido por forças cegas da natureza, mas sim pela atividade consciente do espírito humano, pelos empreendimentos

da ciência. A notável característica da história recente é a tremenda expansão do conhecimento humano, passando de mão em mão com um aperfeiçoamento instrumental da investigação, tornando-se difícil determinar algum limite para o progresso futuro na esfera material.

A aplicação dos métodos científicos modernos é quase tão abrangente quanto o próprio universo em que vivemos. Ainda que os feitos mais palpáveis estejam na esfera da física e da química, a esfera da vida humana não pode ser isolada de todo o resto, e com as outras ciências tem surgido, por exemplo, uma ciência moderna da história que, com a psicologia, sociologia e outras do mesmo tipo, tem exigido, mesmo sem merecer, igualdade diante das demais ciências. Nenhuma área do conhecimento pode manter um isolamento do orgulho moderno da conquista científica. Tratados de inviolabilidade, ainda que embasados em todas as sanções de longas tradições, têm sido lançados impiedosamente ao ar.

Em tempos assim, é óbvio que todas as heranças do passado são assunto para pesquisas críticas; aliás, algumas das convicções da raça humana sucumbiram diante do teste. Na verdade, qualquer instituição que dependa de algo do passado, às vezes, é vista como tendo do seu lado algo desfavorável e não a seu favor. Tantas convicções tiveram de ser abandonadas que as pessoas acreditam que todas elas devem ser deixadas de lado.

Se essa atitude for justificável, então nenhuma instituição se encontra diante de uma suposição mais hostil do que a instituição da religião cristã, pois nenhuma instituição se tem baseado mais profundamente em uma autoridade dos tempos passados. No momento, não estamos questionando se essa atitude é sábia ou historicamente justificável. De qualquer forma, fato é que o Cristianismo, durante muitos séculos, tem apelado para a veracidade de suas afirmações, não meramente nem mesmo primariamente segundo experiências atuais, mas de acordo com certos escritos antigos, dos quais o mais recente data de aproximadamente vinte séculos atrás. Não é de surpreender, então, que esse apelo seja criticado, pois os autores desses escritos foram, com certeza, homens de seu próprio tempo, cujo entendimento do mundo a sua volta, julgado pelos padrões modernos, seria dos mais elementares e imaturos. Inevitavelmente, surge a pergunta: será

que as opiniões desses homens podem ser normativas para nós hoje? Em outras palavras, será que uma religião do século I pode continuar existindo diante da ciência do século XXI?

Qualquer que seja a resposta para essa pergunta, ela apresenta um sério problema para a igreja hoje. Com certeza, tem se tentado dar uma resposta que parece ser mais fácil do que realmente é. Diz-se que a religião é tão distinta da ciência que as duas, corretamente definidas, não podem entrar em conflito. Essa tentativa de separação, como espero mostrar nas próximas páginas, é digna das mais sérias objeções. Mas o que deve ser observado agora é que, mesmo se a separação for justificável, ela não pode ser alcançada sem esforços, pois a própria separação entre religião e ciência constitui um problema. Afinal, acertadamente ou não, durante os séculos, a religião se tem baseado em diversas convicções, especialmente na área histórica, que podem ser assuntos de investigação científica. Assim, também, investigadores científicos se ligam, acertadamente ou não, a conclusões que infringem no cerne da filosofia e da teologia. Por exemplo, se um cristão comum do século XVIII, ou mesmo de hoje em dia, fosse questionado sobre o que aconteceria com sua fé, se a história provasse, indubitavelmente, que nenhum homem chamado Jesus jamais existiu ou morreu no século I de nossa era, com certeza ele responderia que sua fé acabaria de vez. Porém, a investigação dos eventos do século I, na Judeia, assim como na Itália ou na Grécia, pertence à esfera da história científica. Em outras palavras, o cristão comum, corretamente ou não, sabiamente ou não, tem sua fé conectada, de uma forma que para ele parece inseparável, com convicções sobre as quais a ciência tem o direito de opinar. Portanto, se essas convicções absolutamente religiosas pertencem à esfera da ciência e, por isso, não são realmente religiosas, então a demonstração desse fato é verdadeiramente uma tarefa irrelevante. Ainda que o problema da ciência e da religião seja reduzido a uma questão de desassociar a religião de acréscimos pseudocientíficos, a seriedade do problema não diminui. Assim, de qualquer ponto de vista, este é o mais sério assunto da igreja: qual a relação entre o Cristianismo e a cultura moderna? O Cristianismo pode se manter numa era científica?

É essa questão que o Liberalismo moderno busca resolver. Admitindo que seja possível levantar objeções científicas contra particulari-

dades da fé cristã – contra as doutrinas cristãs da pessoa de Cristo, da redenção por meio de sua morte e ressurreição –, os teólogos liberais buscam resgatar certezas de princípios religiosos gerais, dos quais essas particularidades são vistas como meros símbolos temporários, que são considerados como constituintes da “essência do Cristianismo”.

No entanto, é possível questionar se esse método de defesa realmente provará ser eficaz, pois se o apologista abandonar suas defesas externas para o inimigo e ficar retraído em um recôndito interno, ele provavelmente, perceberá que o inimigo o perseguirá até lá. O materialismo moderno, especialmente no âmbito da psicologia, não se contenta em ocupar os aspectos periféricos do Cristianismo, mas pressiona sua entrada até os pontos mais importantes da vida. Ele se opõe tanto ao idealismo filosófico do pregador liberal, quanto às doutrinas bíblicas que esse mesmo pregador já abandonou pelo interesse da paz. A mera concessão, portanto, jamais evitará o conflito intelectual. Nessa batalha intelectual do tempo presente, não pode haver “paz sem vitória”: um lado ou o outro deve vencer.

Na verdade, pode parecer que a figura usada acima seja totalmente enganosa; pode dar a impressão de que o que o teólogo liberal manteve, após ceder ao inimigo uma doutrina cristã atrás da outra, não é o Cristianismo de maneira nenhuma, mas uma religião tão diferente que parece pertencer a uma categoria distinta. Assim, pode parecer que a incerteza do homem moderno quanto ao Cristianismo, na verdade, era infundada e que ao abandonar os muros de defesa da “cidade de Deus”, da qual ele fugiu em pânico para as “planícies abertas” da vaga religião natural, foi vitimado pelo inimigo que estava escondido por ali.

Duas linhas críticas podem ser traçadas no que diz respeito à tentativa liberal de conciliar ciência e Cristianismo. O Liberalismo moderno pode ser criticado: (1) por não ser cristão e (2) por não ser científico. Iremos nos preocupar com a primeira linha crítica, nos ocupando com a demonstração de que, apesar de utilizar a fraseologia tradicional, o Liberalismo moderno não somente é uma religião diferente do Cristianismo, mas pertence a uma classe totalmente diferente de religiões. Ao mostrar que a tentativa liberal de resgatar o Cristianismo é falsa, não estamos dizendo que não há maneiras de fazê-lo; muito pelo contrário, será demonstrado neste livro, ainda que

indiretamente, que não é o Cristianismo do Novo Testamento que está em conflito com a ciência, mas sim o suposto Cristianismo da igreja liberal moderna, e que a verdadeira “cidade de Deus”, e somente ela, tem defesas que são capazes de derrotar as investidas da descrença moderna. Ainda assim, nossa questão imediata é com o outro lado do problema. Nossa principal questão agora é demonstrar que a tentativa liberal de reconciliar o Cristianismo com a ciência moderna renunciou a tudo o que é peculiar ao Cristianismo, deixando somente aquele tipo indefinido de aspiração religiosa já presente no mundo antes de o Cristianismo entrar em cena. Na tentativa de remover do Cristianismo tudo o que poderia ser questionado pela ciência, subornando o inimigo com as concessões que ele mais desejava, o apologista abandonou aquilo que, no começo, estava defendendo. Nisso, como em muitas outras áreas da vida, vê-se que as coisas que parecem ser mais difíceis de defender são as que mais valem a pena ser defendidas.

Ao afirmar que o Liberalismo na igreja moderna representa um retrocesso para uma forma de religião não cristã ou subcristã, ficamos temerosos de que sejamos mal interpretados. Não cristã, numa relação como essa, às vezes, é tomado como um termo degradante. Mas não é isso que queremos dizer. Sócrates não era um cristão, assim como Goethe também não; no entanto, compartilhamos do respeito com o qual os nomes deles são vistos. Eles estão muito acima da média, do homem comum. Se o menor no Reino dos Céus é maior que eles, com certeza não o é por uma questão de superioridade inerente, mas por consequência de um privilégio imerecido que o tornará humilde, e não desrespeitoso.

Essas considerações não deveriam obscurecer a importância vital do ponto em questão. Se pudéssemos imaginar uma situação na qual toda a pregação da igreja fosse controlada pelo Liberalismo, o que já é preponderante em muitos lugares, cremos que o Cristianismo teria, afinal, desaparecido da face da terra, e o Evangelho já não seria mais proclamado. Se for assim, segue-se que a questão a ser investigada aqui é de máxima importância entre as outras questões com que a igreja tem que lidar. Muito mais importante do que todas as questões sobre método de pregação, é a questão sobre o que devemos pregar.

Com certeza, muitos ficarão impacientes com essa investigação – principalmente, aqueles que já definiram a questão de tal forma que

nem podem imaginar a sua reabertura. Assim acontece, por exemplo, com os pietistas que ainda são muitos. Dizem eles: “O quê? Há necessidade de argumentos que defendam a Bíblia? Ela não é a Palavra de Deus, contendo em si mesma a certeza de sua verdade que seria obscurecida por essa defesa? Se a ciência contradiz a Bíblia, problema da ciência!” Temos muito respeito para com essas pessoas, pois acreditamos que elas estão corretas sobre a questão principal, e chegaram a essa convicção por um caminho direto e fácil, enquanto outros só o conseguem com muita atividade intelectual. Porém, não temos como esperar que elas se interessem pelo que temos a dizer aqui.

Existe outro tipo de pessoa desinteressada em número muito maior. Essas são as que já definiram a questão do lado oposto. Este livro, se um dia chegar às mãos delas, será logo deixado de lado e considerado mais uma tentativa de defesa de uma causa já perdida. Elas dirão que ainda existem indivíduos que creem que a Terra é plana; também existem indivíduos que defendem o Cristianismo da igreja, milagres, expiação e muito mais. Em cada um desses assuntos, elas dirão que o fenômeno é interessante como um curioso exemplo de falta de progressão intelectual, nada mais.

Mostrando-se apropriado ou não, esse encerramento do caso está, na presente forma, baseado numa visão imperfeita da situação, pois vê com estima exagerada os avanços da ciência moderna. A investigação científica, como já foi observado, com certeza alcançou muita coisa e, de certa forma, produziu um novo mundo. Mas existe o outro lado da moeda que não deve ser ignorado. O mundo moderno, em muitas áreas, representa uma melhora enorme com relação ao mundo no qual nossos ancestrais viveram; por outro lado, ele também exibe um grande declínio. O aperfeiçoamento aparece nas condições físicas da vida, mas existe uma perda correspondente no âmbito espiritual. Essa perda pode ser vista mais claramente, talvez, nas artes. Apesar da poderosa revolução que tem sido produzida nas condições externas da vida, não há nenhum grande poeta para celebrar a mudança; de repente, a humanidade se tornou burra. Também já se foram os grandes pintores, músicos e escultores. A arte que ainda existe é, em grande medida, imitação, e quando não imita, normalmente é bizarra. Até a apreciação das glórias passadas tem se perdido gradualmente